



FACCREI

17

NÚMERO 1

REVISTA
DIÁLOGO E
INTERAÇÃO

ISSN 1275-3687

<https://revista.faccrei.edu.br>



<https://www.faccrei.edu.br/revista>

ANOTAÇÕES SOBRE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA: A POÉTICA DE ALBERTO PUCHEU

NOTES ON CONTEMPORARY LITERATURE: THE POETICS OF ALBERTO PUCHEU

Taise Teles Santana De Macedo*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir sobre a poesia brasileira contemporânea a partir dos textos do poeta e professor Alberto Pucheu. Priorizamos, nesse estudo, alguns poemas de sua obra *Vidas rasteiras*, publicada em 2020, no intuito de analisar como tal poética frequenta o que tentamos elaborar por “contemporâneo”. Compreendido por uma indefinição ou por uma miríade de possibilidades, esse termo carrega consigo uma matéria informe: ao mesmo tempo em que tentamos defini-lo, ele já escapa. Na produção poética de Pucheu, estar em contemporâneo, muitas vezes, é dirigir-se para as alteridades, é caminhar para o encontro com o outro, com aquilo que nos expande para além de nossos limites e contornos demarcados. Para problematizar tais questões, nos apropriamos de pensadores que discutem o contemporâneo no campo das artes, tais como a crítica literária Florencia Garramuño (2014) e o filósofo Giorgio Agamben (2009). Nesse sentido, ao se debruçar sobre a poética de Pucheu deslindamos como a poesia, nos tempos atuais, implode fronteiras que até então a separava da prosa e de outras esferas do saber, o que revela a sua intervenção estético-política no nosso tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Contemporâneo. Poesia. Prosa. Alteridades.

ABSTRACT: This article aims to reflect on contemporary brazilian poetry based on texts by the poet and teacher Alberto Pucheu. We prioritize, in this study, some poems from his work *Vidas rasteiras*, published in 2020, in order to analyze how such poetics frequents what we try to define as "contemporary". Understood by an indefinition or by a myriad of possibilities, this term carries with it a shapeless matter: at the same time that we try to define it, it already escapes. In Pucheu's poetic production, to be in contemporary, many times, is to be directed to the otherness, it is to walk towards the encounter with the other, with that which expands us beyond our limits and demarcated contours. To problematize such issues, we appropriate thinkers who discuss the contemporary and the field of arts, such as the literary critic Florencia Garramuño

* Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Possui Especialização em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), graduação em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Curso Técnico Profissionalizante de Turismo e Hospitalidade pelo Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET-BA), além de ser graduada em Letras ? Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa- pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoranda no Programa de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLITCULT/UFBA).

(2014), the philosopher Giorgio Agamben (2009). In this sense, by delving into Pucheu's poetics we delineate how poetry in current times implodes boundaries that hitherto separated it from prose and other spheres of knowledge, which reveals its aesthetic-political intervention in our time.

KEYWORDS: Contemporary. Poetry. Prose. Alterities.

1 Introdução

Este presente artigo deriva de uma pesquisa de doutorado, em andamento, e analisa a produção poética de Alberto Pucheu. Professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), seu projeto de escritura caracteriza-se pelo desguarnecimento de fronteiras: não há uma dicotomia entre os gêneros literários (poesia x prosa, por exemplo); pelo contrário, há a exploração da potência de um gênero no interior do outro. Dentre os inúmeros livros - *Escritos da frequentação* (1995), *A fronteira desguarnecida* (1997), *Ecometria do silêncio* (1999), *A vida é assim* (2001), *Escritos da Indiscernibilidade* (2003), *A fronteira desguarnecida (poesia reunida 1993-2007)*, *Mais cotidiano que o cotidiano* (2013), *Para que poetas em tempos de terrorismos?* (2017), *Vidas rasteiras* (2020).

Ao utilizar o termo “desguarnecimento”, Pucheu já mostra a que veio: não há indiscernibilidade entre poesia e vida. A dimensão interventiva de seus escritos se potencializa, justamente, quando vislumbramos o seu amor pela filosofia, pela filosofia e pela poesia que, sem se separarem em rígidas fronteiras, se atritam ao ponto de exclamarem sobre as partículas que, mesmo em momentos de dor e de sofrimento, afirmam a vida. É no esbarro, então, com o chão do cotidiano e com o mais banal que o sujeito se abre para o outro. É sobre essa poesia

Quando li os primeiros livros de Pucheu compilados em *A fronteira desguarnecida (poesia reunida de 1993 a 2007)*, uma questão me assoberbou: diante de uma poesia que rasga a cidade e vice-versa, de uma poesia que, descontroladamente, corre solta sem cabresto pelas páginas, cutucando o que de prosa potente ela pode oferecer, como esse modo de pensar e fazer poesia frequente o que se denomina de “contemporâneo”? Ou já seria essa possibilidade de escrita uma das maneiras de estar em contemporâneo?

Pensar na poesia contemporânea é, justamente, entrar em impasse ou aporia, palavras-chaves na produção pucheuteana. É deixar ser contaminado e se esbarrar com a sujidade do nosso tempo, como faz o poeta em sua elaboração crítico-poética. Em *Vidas rasteiras*, livro publicado em 2020, a poesia continua a percorrer ruas, becos, salas de aulas, avenidas, enfim, a ocupar espaços até então insuspeitos para sua aparição.

Com o fito de compreender como tal poeta entra e sai da contemporaneidade, analisaremos dois poemas dessa obra: “Ainda há algo por fora disso tudo” e “Foi quando, então”. Nesse passeio pelo contemporâneo, nos apropriaremos das asserções da crítica literária argentina Garramuño (2014) sobre a inespecificidade da literatura e do conceito de “contemporâneo” do filósofo italiano Agamben (2009).

2 Tatear o nosso tempo

No cenário atual há, no Brasil, uma profusão de blogs, sites, pequenas editoras, manifestos e performances poéticas. Muitos poetas têm falado e publicado sobre temas diversos – questões de gênero, distintos tipos de violência acirrados no país, falta de um projeto político que abarque os grupos minoritários de poder, principalmente os negros, as mulheres, os indígenas, os LGBTQIA+ - sobretudo na difusão de feiras literárias e saraus que acontecem em todas as regiões do Brasil. Apesar do crescimento e da visibilidade de poetas, oriundos de diversos espaços, que abordam múltiplas matérias cujo desguarnecimento de fronteiras é nítido, há algo que emperra o caminhar da poesia. Segundo Renato Rezende (2014), esse empecilho, em grande medida, vem da crítica que não enxerga o potencial poético produzido neste Brasil contemporâneo, tratando-o, sobretudo, por um “vazio cultural.”

Por possuir um capital político latente, a poesia, em tempos de crise, eleva sua possibilidade do dizer. É preciso, então, sair às ruas, invadir a cena cotidiana, forçar uma intervenção na e com a sociedade. Nesse sentido, a crítica especializada não acompanha a fluidez e o crescimento da poesia contemporânea. Nas palavras do poeta, professor e ensaísta Alberto Pucheu (2016, p.177):

Ainda em 2008, escrevendo sobre a “situação da poesia hoje”, Afonso Romano de Sant’anna abre seu texto afirmando que “A atual situação da poesia brasileira me lembra a palavra entropia”, querendo dizer, com isso, que, dada sua “dispersão poética”, como o universo, ela “vai desmilinguir-se entropicamente, e que não tem mais jeito”.

Ao invés de querer desdobrar as potencialidades de criação das obras poéticas, a crítica age como um tribunal que se coloca como juiz das artes. Oportuno é dizer, neste momento, que a poesia contemporânea abre espaço para uma poética multimídia, que utiliza recursos visuais e digitais os quais desorganizam o previamente organizado, além de fundar, a cada poema, em cada textura poética, o seu próprio público e sua teia crítico-teórica. Assim, os poemas solicitam outra mirada crítica. A poesia contemporânea demanda nova partilha e relação, sobretudo alianças que servem a um comprometimento com o presente, além de promover efeitos diferenciados nos seus leitores.

Nesta perspectiva, os poetas assumem um lugar híbrido, fazendo do suporte poético um espaço não apenas de reinvenção do mundo, mas de produção de pensamento. Daí a relevância do artista-pensador Marcos Siscar (2005) em “A cisma da poesia brasileira”. Ele constata que a poesia brasileira publicada a partir de 1980 apresenta algumas marcas de ausência de linhas de força mestra. No entanto, não é que a poesia brasileira tenha perdido alguma coisa; ela se tornou outra coisa em um novo momento histórico.

Assim, para Siscar (2005), nesta segunda metade do século XXI, se valores tais como “nacionalidade”, “subjetividade”, “experimentação”, “novo”, dentre outros, não são mais totalmente adequados ao sentido dos projetos dos jovens poetas, estes também não estão em condições de oferecer respostas gerais. No entanto, diz o autor (2005, p.45), “como se sabe, as situações instáveis (historicamente, poeticamente) são lugares onde a poesia costuma manifestar-se e onde, de todo modo, melhor se manifesta o sentido de sua ligação com o contemporâneo”.

A partir da investigação da produção poética de Pucheu, evidenciamos como a poesia esbarra e se contamina com o nosso tempo; um tempo enviesado por múltiplos agentes, sujeitos, temporalidades e acontecimentos. Se o contemporâneo, como aludido pelo filósofo Agamben (2009, p.62), abarca o homem que não foge do seu tempo, porém toma distância do mesmo para melhor analisá-lo em movimentos de

dissociação e de anacronismo, o poeta é aquele que “mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.”

Perceber “o escuro” do nosso tempo, em Pucheu, significa espionar como o passado, em destroços, aparece no presente e como esse presente, simultaneamente, acolhe e fratura esse passado, revelando o ponto quebradiço das temporalidades entrelaçadas. Ainda que a concepção de História, para tal poeta, não abarque apenas as ruínas, ainda que haja uma fagulha ou um sopro de vida, grande parte de seus poemas são forjados sob entulhos e restos; os traços do passado e os resquícios da tradição são trazidos como forças que convivem dentro dos impasses e das questões dissonantes do nosso tempo.

Podemos empreender a leitura de um desses impasses do nosso tempo a partir da análise de “Ainda há algo por fora disso tudo”, poema compilado em *Vidas rasteiras*. Ao longo dos versos, o sujeito poético pontua um contraponto à violência e ao esgotamento aos quais estamos submetidos, na atualidade, devido à enxurrada de informações e da aceleração de acontecimentos que, na maioria das vezes, deixam nossas mentes e nossos corpos esgotados.

O “algo por fora disso tudo” nos indicia o quão mágico e rico de experiências pode ser o nosso cotidiano. Ao olhá-lo por outro viés ou ao reparar, com atenção, o que dele podemos extrair para além de temas ligados ao excesso de tragédias ou de morticínios, encontraremos aquilo que o poema nos apresenta:

basta ler o noticiário para saber
que há uma arma apontada
para nossa cabeça uma faca
atravessando nosso estômago
que tanto o real quanto o noticiário
que tanto a política quanto o facebook
são essa arma e essa faca
cotidianas que nos ferem e matam
mas ainda há algo por fora disso tudo
que no cotidiano me faz ser surpreendido
pelo que somos pelo que podemos
vir a ser ontem por exemplo fomos
à loja da ortobom comprar um colchão
e uma cama já no começo da conversa
o vendedor um senhor nos disse:
eu fui casado por 25 anos
tive filhos depois me separei
me casei de novo [...]. (PUCHEU, 2020, p. 24-25)

O poema inicia com letra minúscula, enfatizando a indiferença quanto àquilo que pode ou não comportar um verso. Histórias de vida, principalmente da arraia miúda, do povo seja ele qual for ou de qualquer sujeito que seja, interessará à poesia. E essa história pode desembocar de um lugar incerto, sem hora ou dia marcado. O que particulariza, sobretudo, o texto pucheuteano é o inesperado do cotidiano.

Vejamos que entre os versos não há pontuação. Ao estabelecer um ponto final ou uma vírgula, já se demarca certa unidade e certo limite. É justamente isso que o poeta não deseja: fixar um ponto ou limitar uma vida. A implosão da prosa dentro dos limites do gênero lírico vai, paulatinamente, nos mostrando como a literatura invade outras esferas até então seccionadas, a exemplo da separação tradicional entre poesia e prosa.

Em seus estudos sobre as artes e a contemporaneidade, a crítica Garramuño (2014) preconiza, a partir de artistas, de escritores e de poetas que modulam outras maneiras de lidar com suportes, com materiais, com lugares, com subjetividades, com afetos e emoções, a inespecificidade da obra de arte na cena atual, isto é, ao invés de se entocar ou se ensimesmar numa área específica alguns objetos artísticos, difíceis de serem definidos, “torcem o nariz” para uma noção de identidade de campo ou de pertencimento a.

Essa concepção de inespecificidade passa, também, pela implosão de fronteiras; na literatura, esse choque ocorre no interior da linguagem quando se infiltram outros textos – documentos históricos, fotografias, desenhos, imagens. A porosidade que se opera no seio da linguagem literária espelha, em muito, o que vivenciamos na atualidade: um cotidiano repleto de anônimos, de entes vindos de toda parte do mundo, deslocados de seus países de origem por diversos motivos.

Nesse sentido, é corriqueiro do cotidiano esse esbarro com o outro, com variadas histórias de vidas que convivem no fluxo caótico de narrativas que se amalgamam por aí e acolá. Não à toa, o poema destaca a imprevisibilidade do encontro entre o sujeito poético e um vendedor numa loja de colchões.

De acordo com a pesquisadora Leyla Perrone - Moisés (2016, p. 262), uma das tendências da literatura brasileira contemporânea é o interesse pela vida de homens

e de mulheres comuns, pois “a impossibilidade de compreender o mundo como uma totalidade tem feito com que as pessoas se concentrem em seu cotidiano e apreciem, na literatura atual, a representação da vida corrente, dos pormenores banais, dos sentimentos comuns.”

Outrossim, outra constatação dessa autora é a crescente demanda pela narrativa. Apesar de vivenciarmos um período em que a brevidade é a tônica de nossas relações com o outro, os leitores ainda resguardam um gosto por histórias. Mesmo concisa, a solicitação pela narrativa “é atendida pelo cinema, pela televisão e pela internet”. Embora haja uma primazia da imagem, o que vemos é o enredo, um dos componentes da narrativa, sendo assumido em filmes, novelas e séries.

Cotejando essa abordagem de Perrone - Moisés (2016), verificamos que, nos textos poéticos de Pucheu, o gosto pela contação de histórias prevalece muito em razão da saída operada pelo eu lírico. Dentro da lírica contemporânea, vislumbramos uma força que resiste – a da despersonalização cada vez maior do “eu” no poema – por ser um dado da própria manifestação social (a cisão do sujeito, a conjugação de múltiplas identidades, os processos de subjetivação e dessubjetivação¹) sob o qual a poesia se constrói, o que opera uma outra mirada da noção de lírica. Passada a fase do lirismo encurvado na expressão de um “eu”, de uma subjetividade pessoal, encontramos, na contemporaneidade, uma poesia que caminha para as alteridades. Nesse sentido, o poeta ao falar dos objetos, das situações, do cotidiano e da trivialidade do mundo invoca um encontro com o desconhecido, reunindo-se com outros quaisquer que sejam no poema.

¹ O sociólogo e teórico Stuart Hall (2014) apresenta em *A identidade cultural na pós-modernidade* a “crise de identidade” do sujeito na modernidade tardia. Para ele, o sujeito, que já foi tomado como fixo, rígido e detentor de uma identidade centrada, encontra-se, hoje, fragmentado, deslocado, fluído e cindido por uma polissemia de identidades com as quais precisa lidar. Essa descentralização do sujeito, segundo Hall (2014), um dos pensadores responsáveis por teorizar sobre a construção das subjetividades e os dispositivos que interferem na constituição de sujeitos foi o filósofo Michel Foucault (1995). Para este, a partir do século XIX em diante o poder disciplinar mantém uma regulação e uma vigilância sobre a vida, o corpo, as atividades, os prazeres, enfim, sobre tudo que concerne ao indivíduo. Nesse quadro, é imposto ao sujeito uma forma de subjetividade que revela as maneiras de dominação e de exploração: o indivíduo deve ser dócil, útil. Essa subjetivação, conforme Foucault (1995), é uma operação que dita como o sujeito deve se comportar, agir, ou seja, modular-se por uma identidade determinada. Ligados à questão do “quem somos nós”, a recusa do sujeito à identidade imposta provoca uma desidentificação, ou seja, os indivíduos inconformados questionam “o governo da individualização”, atacando o estatuto do indivíduo imposto por uma técnica e uma forma de poder.

Ao se dirigir à loja da ortobom, encontramos um sujeito poético propenso a escutar o outro:

tive filhos depois me separei
me casei de novo
espero que não estranhem
me casei de novo pela segunda vez
com ele que era enfermeiro
em petrópolis que havia perdido
sua esposa de tuberculose
que veio morar comigo na baixada
com todos os nossos filhos juntos
como os filhos dele são pequenos
mais novos do que os meus dissemos
para eles que somos amigos
que resolvemos morar juntos
quando nos casamos
todos os amigos me abandonaram
eu era pastor da igreja
vocês podem imaginar o que isso
significa eu era pastor na igreja
ninguém aceitou meu casamento
com ele escolheram ficar do lado
de minha ex-mulher mas ela
e eu continuamos amigos [...]. (PUCHEU, 2020, p. 25)

Contra o arremate de uma vida que se queria reduzida a uma identificação – a de “pastor da igreja” – o poema conclama uma vida inacabada, cheia de irrupções e de imprevistos. É da epiderme do contemporâneo ser invadido pelo inconclusão, pela incompletude. A vida pregressa do vendedor enquanto pastor serve de referência para tomada de consciência de como ele se constitui, hoje, no tempo presente; o passado não é pincelado como mero detalhe no texto, pois ele espiona o sujeito em seu momento atual.

Essa atmosfera de temporalidades que se ignoram já se reconhecendo é própria do contemporâneo:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatural; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Para Agamben (2009), é na dissociação e na desconexão com o tempo presente que se perfaz o ser contemporâneo. Essa atmosfera ronda “Ainda há algo por fora disso tudo” a partir do momento em que o vendedor não percebe apenas a luz, mas o escuro do tempo presente. O escuro, nesse caso, é compreender que todas as forças, boas ou ruins, vão atravessá-lo, isto é, que todas as intensidades sobre suas escolhas, o olhar do outro sobre seus caminhos, também farão parte daquilo que o forja no agora. Quando o sujeito diz “quando nos casamos/todos os amigos me abandonaram/vocês podem imaginar o que isso/significa eu era pastor na igreja/ninguém aceitou meu casamento”, insinua-se que a quebra da linha de continuidade na vida do vendedor é motivo de não aceitação da maioria dos indivíduos que conviviam com ele, exceto de sua ex-mulher. O homem sabe que o passado o circundará como um fantasma, como um vulto.

Enxergar o escuro mais do que as luzes, segundo Agamben (2009), “implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes.” Nesse sentido, o poema faz do vendedor um ente que experimenta o desconhecido e compreende os riscos que tal contato pode lhe oferecer, não se furtando a viver, com espanto e com assombro, as intempéries do nosso tempo.

Observemos como a narrativa poética se constrói: primeiramente, o sujeito é encerrado numa identidade, posteriormente, abdica dessa identidade centrada para se dispersar e se expandir para além de um regramento. Se o contemporâneo nos aparece sempre em carência ou em vias de ser desfeito quando tentamos captá-lo, é na figura do vendedor que essa ideia frequenta: um ser que não se deixa fisgar por um nome ou por uma classificação. Antes de tudo, ele deseja o movimento, a fluidez da vida:

resolvi abandonar a igreja
tive de abandonar o grupo de teatro
da igreja da qual também
fazia parte abandonei muita coisa
para ficar com ele tudo valeu a pena
eu consegui que ele viesse trabalhar
na ortobom primeiro em outra loja
depois conseguimos que ele

fosse transferido para a loja
em que trabalho ele é mais novo
do que eu ele ainda quer voltar a morar
em petrópolis estamos pensando
em fazer isso logo que der
durante o dia eu trabalho aqui na ortobom
em botafogo de noite faço formação
em psicanálise na baixada fluminense
na sociedade psicanalítica do rio de janeiro
que tem uma escola na baixada
já estou começando a atender
daqui a alguns anos quero largar
o trabalho na ortobom para morar com ele
em petrópolis montar lá meu consultório
psicanalítico acho que minha vida dá um livro
ainda vou escrever um livro da minha vida (PUCHEU, 2020, p. 25-26)

No primeiro momento, o abandono; depois, a saída para encontrar outro lugar que o hospede, o acolha. Tomados como passantes, esses corpos soltos são atravessados e atraídos por muitas intensidades. De acordo com o estudioso David Lapoujade (2015, p.28), em seu estudo sobre a filosofia de Deleuze, todos reivindicam uma terra; essa solicitação se configura, portanto, numa espécie de grito: “Há, em Deleuze, todo tipo de gritos, gritos de cineastas, de escritores, de pintores.” Parte daí a noção de que toda reivindicação é, em primeiro plano, uma pretensão territorial, vez que “há reivindicação territorial assim que há composição de espaços-tempos determinados, mesmo quando provisórios ou móveis.” (LAPOUJADE, 2015, p.40-41)

O grito do vendedor estoura no intuito de encontrar uma terra – qualquer que seja essa noção - um lar, um amor e um estudo que escutem/enxerguem toda sua potencialidade. Desse encontro repentino com o outro, o poeta nos alerta o quanto a poesia passeia pela cidade sem, todavia, ser colocada num pedestal linguístico conforme os formalistas russos² a dispunham, diferenciando-a da linguagem comum do cotidiano. No poema em análise, as palavras serpenteiam pela página,

² O grupo dos formalistas russos, a exemplo do linguista Roman Jakobson, defendiam que a literatura apresentava uma espécie de linguagem especial, o que a afastava, assim, da fala cotidiana. Nesse sentido, a literatura se constituía numa “organização particular da linguagem.” (EAGLETON, 1997, p. 3). Segundo o crítico literário Terry Eagleton (1997), os formalistas russos se preocupavam em conceber o texto literário como dotado de palavras, não de objetos ou sentimentos; a obra literária não expressava, pois, o pensamento de seu produtor. De acordo com essa ótica, a essência do literário se resguardava em “tornar a linguagem estranha”, sendo essa característica intrínseca à literatura. Como sabemos, com toda a espontaneidade que há no cotidiano prosaico podemos encontrar uma infinidade de textos estranhos, criativos, engenhosos e inusitados.

violentamente, sem nenhum cabresto, pois não há tempo para freios ou barreiras. O mais importante é o potencial resguardado nessa história que uma preocupação com normas gramaticais ou com um formato adequado dos versos.

Garramuño (2014, p. 53) pontua como o passo de prosa na poesia contemporânea produz uma certa “vontade de crise” de verso que ocorre desde a poesia moderna, quando foi lançado o poema em prosa. Para essa estudiosa, outros dispositivos também contribuíram para esse estado de crise de versos: “a incorporação de uma linguagem coloquial, a dessublimação do literário, o distanciamento subjetivo e da emoção pessoal.”

A forte pulsão narrativa, em Pucheu, põe em evidência esse inespecífico tão característico, conforme pretende Garramuño (2014, p.44), da arte contemporânea. O discurso do literário enquanto tal que distinguiria poesia de prosa cai por terra, pois o que vemos é uma saída da literatura para outros gêneros e discursos, o que põe em crítica “uma definição dessa literatura que não pode nunca ser estática nem sustentar-se em especificidade alguma.”

Não à toa, nessa tensão do verso que se abre para o abismo da prosa, a poesia está em vias de aparecer em qualquer situação ou ambiente. Como no poema anterior, em “Foi quando, então”, o sujeito poético, a figura de um professor, narra o inesperável da poesia numa aula de primeiro semestre. Nesse local insuspeito, ao que parece, a poesia irrompe com toda sua força disruptiva:

outro dia, eu dava uma aula
para o primeiro período, lendo
e comentando com eles
um poema maravilhoso
do arquíloco, em que ele
fala de um eclipse, mas,
ao falar do eclipse, ele fala
mesmo é do impossível,
do inesperável, do espantoso,
do incrível, da desmedida
da natureza, e eu mostrava
como esse poema reverberará,
não sei se de modo consciente
ou não, pela tradição futura,
como em píndaro, por exemplo,
para quem a graça, entusiasmando
o poeta, consegue, muitas vezes,
tornar crível o incrível [...] (PUCHEU, 2020, p. 30)

Os versos incorporam algumas marcas linguísticas encontradas, eminentemente, em textos narrativos, tais como “outro dia” (expressão indicativa de tempo), “eu dava uma aula”, “eu mostrava” (uso de verbos no pretérito que denotam ação) e “lendo e comentando” (utilização de verbos no gerúndio indicadores de ações em processo). A exploração desses elementos advém desde o título “Foi quando, então”, o que cria um ambiente de mistério e de tensão para o leitor que, de alguma forma, espera algo inesperado acontecer. Ponto mais alto de uma narrativa, o clímax, como postulava Aristóteles (1984), corresponde, na tragédia grega, à peripécia, momento em que ocorre uma mudança súbita no curso dos acontecimentos.

Ao costurar os versos numa trama bem amarrada, Pucheu convoca um efeito de sentido inusitado para o poema:

e, como,
ainda, em aristóteles, que,
em momentos diferentes
da poética, fala três vezes,
com ligeiras variações,
do impossível crível,
e eu dizia que é um desses
poemas em cujo empuxo
a filosofia nasce ou um desses
poemas que, anacronicamente,
pois antes de a filosofia nascer,
poderia ser chamado de poema
filosófico, um desses poemas
que pensam o assombro e a poesia
enquanto assombro, e, para ele,
para o acontecimento do eclipse
e para o eclipse enquanto
acontecimento, eu dava outros
exemplos, eu falava da paixão,
da poesia, da morte, dizendo,
já não me lembro bem por quê,
que ninguém morre duas vezes,
foi quando, então, uma aluna levantou
a voz e disse morre duas vezes, sim,
professor, uma vez, eu estava
no enterro de uma amiga
que morreu, eu estava ali
ao lado do caixão
da minha amiga morta
e eis que, subitamente, uma bala
perdida vem e atravessa
o rosto da defunta, professor,
ela ali foi morta uma segunda-feira vez, então, professor,
no rio de janeiro, as pessoas

morrem duas vezes, sim. (PUCHEU, 2020, p. 30-31)

A aproximação entre filosofia e poesia não é por acaso. Os homens começaram a filosofar por conta da admiração e da sensação de dúvida, o que fica exemplificado pela máxima atribuída a Sócrates “Só sei que nada sei”. Além disso, por meio do debate livre entre Sócrates e o jovem Teeteto, Platão (2010, p.212) toma o espanto como o motor da filosofia: “maravilhares-te, é mais de um filósofo”. De facto, não há outro princípio da filosofia que não este[...]. Em *Teeteto*, em diversos momentos do diálogo, o aprendiz encontra-se “maravilhado” ou “espantado” com as conclusões de Sócrates que o caracteriza como “um espantoso rapaz”. (2010, p.232).

Chamada pelos gregos de “thauma”, a “admiração”, a “perplexidade” ou o “espanto” são, para Pucheu (2021), peças que movimentam tanto a filosofia quanto a poesia. No poema em estudo, a repentina interpelação da fala da aluna sobre a possibilidade de se morrer duas vezes no Rio de Janeiro marca a força do cotidiano e a invasão sofrida pela estrutura da lírica ao ser atravessada por um acontecimento corriqueiro da vida urbana.

Há uma capacidade nesses versos de encenar um drama, ou seja, de enveredar por uma continuidade entre o pessoal e o geral, neste caso, o social, ao pincelar a violência que impera numa cidade como o Rio de Janeiro. O episódio narrado mostra a vulnerabilidade sob a qual a nossa sociedade passa há anos, sobretudo com a expansão de tiroteios com balas perdidas que, mais a frente, encontram um alvo certo. Essa condição de instabilidade pode ser lida, em linhas gerais, como uma alusão ao próprio estado da poesia na contemporaneidade: pôr em crise o específico – “formal, pessoal, subjetivo, público, privado – redefine os modos de conceitualizar o que há de potencialmente político na poesia.” (GARRAMUÑO, 2014, p.67)

O sujeito poético se lança no meio social, o que possibilita o contato com o comum, com o banal do cotidiano. O poema não vai se eximir em falar das absurdidades da vida; pelo contrário, o poeta tomba com a sujidade do nosso tempo de cara, sem subterfúgios. Outro tópico da literatura contemporânea é, justamente, de acordo com Perrone-Moisés (2016, p.262), o retorno de um realismo cuja “crença é renovada na possibilidade de a linguagem representar o real”. A autora chega a essa

conclusão ao analisar uma série de romances que, simultaneamente, se valem da crueza do mundo, trazendo para ficção as marcas do jornalismo e da sua suposta neutralidade. Compreendemos, contudo, que a poesia nos tempos atuais não busca uma aproximação com a representação do real, mas se utiliza das variadas experiências de vidas disponíveis no mundo para se aproximar de homens e de mulheres comuns.

Esse contato com a experiência de outrem acaba por dissolver o “eu” do professor que dava uma aula, pois, no choque imprevisível com a história contada pela aluna, a suposta identidade do sujeito se esvai. A fala da estudante é colocada, paralelamente, sem nenhuma hierarquização, ao lado da fala do professor. Isso cabe à cena do contemporâneo, porque nele não há possibilidade para binarismos ou estamentos impossíveis de serem alcançados.

Isso nos induz, sobremaneira, a refletir sobre a política do poema, vez que os escritos pucheuteanos não se limitam por entre gêneros ou fronteiras, ou melhor, não ditam compartimentos que separem o que compete à poesia ou à política. O próprio poema se comporta em suas impurezas poéticas com o que a política talvez não se comprometa atualmente: com a tessitura de uma comunidade de afetos direcionada a quaisquer sujeitos.

Assim, como o eclipse – fenômeno de desaparecimento, de ocultamento acidental de luz – o contemporâneo é perfurado por várias indeterminações, falhas e brechas que se distendem e não se deixam capturar por inteiro. Desse modo, a literatura contemporânea, que aqui foi analisada por alguns fragmentos de textos de Pucheu, também, não se deixa em evidência de forma translúcida. De alguma forma, a poesia é esse eclipse sombreado que se esquia ao mínimo desejo de apreensão.

3 Considerações finais

Ao vislumbrarmos a poesia na contemporaneidade, vemos como a sua noção se expandiu. Esse deslocamento é promovido por uma atuação do artista-poeta multifacetada, pois eles ocupam, fazem uso de diferentes mídias, se encontram em variados lugares de ação para além do livro, usam procedimentos e proposições

artísticas que potencializam o dizer poético interconectados com outros objetos e contextos.

Enfrentando uma fortaleza – a ideia de um campo literário específico e fechado em si consubstanciado por uma teoria exclusivamente aplicável à literatura - que cerceava a comunicação da poesia com outros corpos, o poeta se magnetiza pela circulação de todos os fluxos e de todas as ordens – imagens, informações, sons, fantasmas, silêncios, afetos.

O conjunto de possibilidades de encontrar-se em contemporâneo, que comparece na produção poética de Alberto Pucheu, nos faz refletir sobre o cotidiano como uma categoria em trânsito que implode os versos de tal forma a fazer vibrar a potência da prosa na poesia. Pensar o contemporâneo é, antes de tudo, enxergar para além do momento presentificado; é não coincidir perfeitamente com este, como nos ensina Agamben (2009).

Graças a essa defasagem ou anacronismo, o sujeito contemporâneo é capaz de captar sua época sob a ótica da desconexão com o tempo presente. A partir disso, compreende-se que a literatura contemporânea não será, necessariamente, aquela que representa a atualidade, a não ser por uma estranheza, uma inadequação. O contemporâneo é aquele que mantém uma relação singular com o próprio tempo vivenciado, contudo dele toma distância, para do passado também tomar parte.

Nesse sentido, na cena atual, os poetas colocam em evidência múltiplas possibilidades de escrita ao se relacionar com outros meios e recursos. Tudo se apresenta em (co)operação e correlação. O trabalho de Pucheu, assim, pressupunha pensar e escrever sobre e desde a poesia, de modo que os gestos poético e crítico possam atuar, reciprocamente, em combinação e contaminação, forjando uma dicção, um pensamento poético.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução: Eudoro de Souza. São Paulo: Ed. Victor Civita, 1984.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-239.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

PERRONE- MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PLATÃO. *Teeteto*. Trad. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

PUCHEU, Alberto. *Espantografias: entre poesia, filosofia e política*. Brasília: C14 Casa de Edição, 2021.

PUCHEU, Alberto. Poesia, Filosofia e Política. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n.16, p.176-198, julho/2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/27144/0>. Acesso em: 15 set. 2022.

PUCHEU, Alberto. *Vidas rasteiras*. São Paulo: Editora Bregantini, 2020.

REZENDE, Renato. *Poesia brasileira contemporânea: crítica e política*. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

SISCAR, Marcos. A cisma da poesia brasileira. *Sibila*, São Paulo, ano 5, n. 8-9, p. 41-60, setembro/2005.

Recebido em: 14/06/2023.

Aprovado em: 20/08/2023.